

## NO ESPELHO DA CONTEMPORANEIDADE: A RELAÇÃO ENTRE NARCISISMO E REDES SOCIAIS <sup>1</sup>

Antonio Marcio Marques de Queiroz<sup>2</sup>

Marília Barroso de Paula<sup>3</sup>

### RESUMO:

Este estudo consiste em uma revisão narrativa de literatura, de cunho exploratório e qualitativo, e aborda a questão do narcisismo na contemporaneidade, pensando-o como um marcador central das novas formas de subjetivação. Inicialmente, faz-se o resgate do termo narcisismo a partir da psicanálise freudiana e, posteriormente, aborda-se sua utilização a partir de autores da crítica social e filosófica, como Guy Debord e Christopher Lasch. Considera-se o entrelace com a cultura contemporânea e a formação da subjetividade no contexto capitalista neoliberal, cujo impacto faz o sujeito se reconhecer a partir da imagem, como um produto do mercado. Perpassada pela idealização, esta cultura é capaz de formar um novo narcisismo que desponta na contemporaneidade. Por fim, aborda-se a questão do narcisismo e sua relação com as redes sociais, pelo predomínio da imagem e da afirmação de si nesta cultura neoliberal. A conclusão aponta como o contexto social se faz relevante, pois ajuda a pensar uma clínica psicanalítica que considera o sujeito em constante transformação no seu modo de ser no mundo e produzir sua subjetividade. A clínica psicanalítica, portanto, precisa considerar esta cultura em movimento e, neste caso, o predomínio de um tipo de narcisismo que permeia as novas maneiras de formar este sujeito hodierno.

Palavras-chave: Psicanálise. Narcisismo. Redes Sociais. Clínica Contemporânea. Subjetividade.

### AT THE MIRROR OF CONTEMPORANEITY: THE RELATIONSHIP BETWEEN NARCISSISM AND SOCIAL MEDIA

### ABSTRACT:

This essay consists of a narrative review of the literature, in an exploratory and qualitative way, and addresses the issue of contemporary narcissism, considering it a central marker of the new forms of subjectivation. Initially, it provides a summary of the term narcissism from the perspective of Freud's psychoanalysis and, later, the term is analyzed according to other authors of social and philosophical criticism, such as Guy Debord and Christopher Lasch. The connection between contemporary

---

<sup>1</sup> Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia, na Linha de Pesquisa História da Psicologia e seus aspectos filosóficos. Recebido em 27/10/2024 e aprovado, após reformulações, em 25/11/2024.

<sup>2</sup> Bacharel em Filosofia e Teologia pelo Centro Universitário UniAcademia; Especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica. Atualmente cursa Psicologia no UniAcademia, em Juiz de Fora – MG. Email: antoniomarcio.psi@gmail.com

<sup>3</sup> Doutora em História e Filosofia da Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e docente do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: [mariliapaula@uniacademia.edu.br](mailto:mariliapaula@uniacademia.edu.br)

culture and the formation of subjectivity is considered in the neoliberal context, which impacts the subject's recognition of itself as a product on the market. Permeated by idealization, this culture can create a new narcissism that arises in contemporary times. The conclusion shows how the social context is relevant because it helps to conceptualize a psychoanalytic clinic that considers the subject in constant transformation in its way of being in the world and producing its subjectivity. The psychoanalytic clinic, therefore, needs to consider this evolving culture and, in this regard, the predominance of a kind of narcissism that permeates the new ways of forming this contemporary subject.

Keywords: Psychoanalysis. Narcissism. Social media. Contemporary Clinic. Subjectivity.

## 1 INTRODUÇÃO

Explorar o tema do narcisismo na psicanálise é muito oportuno, pois vive-se hoje um tempo no qual se multiplicam os espelhos e as vitrines, especialmente nas redes sociais onde o sujeito se exhibe e deseja ser visto. Este artigo apresenta a temática do narcisismo na contemporaneidade e reflete como acontece uma reedição deste a partir de seu entrelace com as redes sociais, buscando compreender como ele se reedita a partir do espelho e das vitrines das redes sociais, perpassando a cultura vigente do modelo neoliberal hodierno. Dentro deste contexto, pensar-se-á o sujeito inserido na cultura e no mercado neoliberal, que o incita a tornar-se um empresário que administra a si mesmo e seu desejo, fazendo de sua subjetividade e individualidade um produto a ser explorado. Valerá pensar os impactos desta cultura na formação da subjetividade contemporânea, a exposição de si mesmo nas redes sociais, a busca por aprovação e aceitação diante do desamparo do sujeito atual. Ao expor o tema do narcisismo, como um fenômeno que é perpassado pela exibição, pela exposição da imagem de si ou da imagem que se deseja criar para ser admirada pelos outros, pretende-se fazê-lo, primeiramente, à luz da psicanálise, resgatando o próprio conceito.

Desta forma, a primeira seção deste artigo apresenta o conceito de narcisismo na psicanálise, sobretudo na obra de Sigmund Freud. O referido conceito será explorado de obras selecionadas para este intento: **Introdução ao Narcisismo** (1914 – 1916), **Luto e Melancolia** (1915), **Psicologia das Massas** (1921), e **O Eu e o Isso** (1923). A segunda seção deste trabalho abordará o conceito de narcisismo a

partir de outros autores, como Guy Debord, em seu livro **A sociedade do espetáculo** (1997), Christopher Lasch, em seu livro **A cultura do narcisismo: a vida americana em uma época de expectativas decrescentes** (2023), e outros pensadores contemporâneos, que delimitam este conceito no campo das ciências sociais e da filosofia, buscando fazer um percurso que demonstre os traços do narcisismo presentes nesta sociedade contemporânea. E, por fim, a terceira seção aponta para a relação do narcisismo com as redes sociais, especialmente pensando que as relações estabelecidas neste contexto se dão pelo uso predominante de imagens e pela capacidade de fantasiar que existe no sujeito, perpassado pela cultura vigente.

## **2 SOBRE O CONCEITO DE NARCISISMO NA PSICANÁLISE**

No início de seu livro **Introdução ao Narcisismo** (1914), Freud apresenta que o termo advém da clínica e foi inicialmente utilizado por Paul Adolf Nacke (1851-1913), psiquiatra alemão, em 1899, justamente para “designar a conduta em que o indivíduo trata o próprio corpo como se este fosse o de um objeto sexual, isto é, olha-o, toca nele e o acaricia com prazer sexual, até atingir plena satisfação mediante esses atos” (Freud, 2010, p.14). Inicialmente, Freud postula a ideia do narcisismo a partir da clínica das psicoses, especialmente sobre a demência precoce ou esquizofrenia, cuja relação estaria no abandono de suas relações com a realidade externa. Posteriormente, ao estudar sobre os neuróticos também demonstrou que eles podem abandonar suas relações com a realidade externa e investir a libido em objetos imaginários da fantasia

Ainda neste texto, Freud, referindo-se ao narcisismo primário, destaca que “a libido retirada do mundo externo foi dirigida ao Eu, de modo a surgir uma conduta que podemos chamar de narcisismo” (Freud, 2010, p.16). E enfatiza que a existência do narcisismo secundário “surge por retração dos investimentos objetais como secundário, edificado sobre um narcisismo primário que foi obscurecido por influências várias” (Freud, 2010, p.16). Posteriormente, quando a criança é inserida em outras relações objetais para além da mãe, precisará aprender a lidar com as exigências do ambiente e ocorrerá o narcisismo secundário; ambos serão estruturantes e farão parte da constituição do sujeito e de seu psiquismo. Se o

**CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 7, n. 13, p.710-734, jul./dez. 2025 – ISSN 2674-9483**

narcisismo primário está marcado pelo autoerotismo e pelo autocentramento do sujeito, haverá um momento em que este será perpassado pela castração que vem da cultura. Boa Morte e Barros (2023, p.49) realçam que “é pela via da castração que se perturba o equilíbrio narcísico, cujo narcisismo primário é uma integridade imagética do corpo onde a castração incide”. A dificuldade de inserção na cultura estará ligada ao mal-estar que aí se estabelece, pois, “a libido sofre o destino da repressão patogênica, quando entra em conflito com a ideias morais e culturais, se submetendo às exigências que delas partem restando o mal-estar” (Boa Morte; Barros, 2023, p.49) como se verá adiante na dificuldade deste sujeito em fazer laço com a cultura.

Para a psicanálise, o narcisismo é uma etapa fundamental e necessária à constituição psíquica. Nicéas (2021, p.15) destaca que é “uma etapa fundamental do processo de constituição do eu, que se situa entre o autoerotismo e o amor objetal”, sendo que nesta etapa a libido do sujeito estará voltada para si mesmo (autoerotismo ou auto-investimento). Inicialmente, a libido da criança está prioritariamente voltada para seu próprio corpo, pois o investimento libidinal em objetos externos é restrito. No narcisismo primário, o bebê está voltado para si mesmo como objeto de investimento libidinal. Nicéas (2021, p.25) enfatiza que “a partir da introdução do narcisismo na teoria psicanalítica, Freud demonstrou clinicamente que o ‘eu’ se oferece privilegiadamente como objeto das pulsões sexuais do sujeito”. Em suas palavras, o narcisismo freudiano se trata inicialmente do investimento libidinal do sujeito aplicado a si mesmo e, posteriormente, este investimento libidinal se aplicará a outros objetos, à medida que as relações se ampliam e requerem outro dimensionamento. Contudo, apesar de Freud (1914) diferenciar a libido do eu da libido do objeto, ambas coexistem na estruturação do psiquismo. Vale ressaltar que “na psicanálise, a libido só se liga ao registro do sexual” (Nicéas, 2021, p.40).

Nicéas (2021, p.26) explicita que há dois tipos de pulsões: “pulsões de autoconservação, as chamadas pulsões do eu, responsáveis pela proteção do próprio corpo do indivíduo, pulsões condutores de sua sobrevivência”; e um segundo grupo de pulsões são aquelas “que dão suporte à perpetuação da espécie e se dirigem para os objetos, às quais Freud destina o termo libido – são as chamadas pulsões sexuais”. Vale considerar que Freud trabalhou com duas forças vitais para

**CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 7, n. 13, p.710-734, jul./dez. 2025 – ISSN 2674-9483**

estruturar sua teoria das pulsões, ou seja, uma força que se refere à autoconservação e outra referente à sexualidade humana (Nicéas, 2021, p.27). O autor (2021) destaca que Freud, ao fazer a introdução do termo narcisismo no *corpus* da teoria psicanalítica, traz uma grande novidade, que não significa o abandono da “dicotomia entre pulsões do eu e pulsões sexuais, criando então um lugar na doutrina para essa ideia nova de uma libidinização do próprio eu do sujeito” (Nicéas, 2021, p.27).

Freud (2010, p.17), ao mencionar a libido do Eu e a libido de objeto, sinaliza que “quanto mais se emprega uma, mais empobrece a outra”. Ao falar desta coexistência, o pai da psicanálise, realça a questão do enamoramento, pois nesta situação a libido está investida no objeto de amor, ocorrendo uma descentralização da libido no sujeito. Mas, uma pergunta, afinal, se faz imperiosa: “de onde vem mesmo a necessidade que tem a psique de ultrapassar as fronteiras do narcisismo e pôr a libido em objetos?” (Freud, 2010, p.29). Freud aponta caminhos para esta reflexão, no sentido de que amar é necessário para que o sujeito não adoça: “um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas afinal é preciso começar a amar, para não adoecer, e é inevitável adoecer, quando, devido à frustração, não se pode amar” (Freud, 2010, p.29). Amar seria, portanto, uma atitude de descentramento do sujeito, abrindo-se para as relações objetais externas, deixando que a centralidade da libido, numa posição narcísica, seja ocupada por este sujeito. “O amor por si próprio só encontra uma barreira no amor pelo outro, no amor por objetos” (Freud, 2021, p.176), contudo este amor é possível diante da escolha objetal.

Desta forma, “o narcisismo fez nascer uma segunda oposição no campo das pulsões, mas dessa vez uma oposição desdobrada numa diferença apenas quanto ao destino da libido, uma diferença entre libido do eu e libido do objeto” (Nicéas, 2021, p.29). Laplanche e Pontalis (1991, p.290) destacam que, ao ocorrer o narcisismo secundário, “no plano econômico, os investimentos de objeto não suprimem os investimentos do ego, antes existe um verdadeiro equilíbrio energético entre estas duas espécies de investimento”; e reforçam que “no plano tópico, o ideal do ego representa uma formação narcísica que nunca é abandonada”.

É importante destacar que Freud faz uma diferenciação entre tipos de libido: narcísica e objetal; e dois tipos de investimento: primário (que está ligado à libido do eu) e secundário (que está ligado à libido do objeto), e serão essenciais para o **CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 7, n. 13, p.710-734, jul./dez. 2025 – ISSN 2674-9483**

entendimento de sua obra. Freud realça que, diante da escolha objetal, realizada por crianças (e inclusive adolescentes) os primeiros objetos sexuais são aqueles de “suas vivências de satisfação. As primeiras satisfações sexuais autoeróticas são experimentadas em conexão com funções vitais de autoconservação” (Freud, 2010, p.31-32). Neste sentido, os primeiros objetos de amor serão aqueles “encarregados da nutrição, cuidado e proteção da criança, e tornam-se os primeiros objetos sexuais, ou seja, a mãe ou quem a substitui” (Idem, *Ibidem*). A este modo de escolha objetal, Freud denominou ‘tipo de apoio’, que estará ligada ao modelo da mãe ou daquele que exerce esta função de cuidado. Contudo, Freud apontou ainda para um outro modo de escolha: a escolha de ‘tipo narcísico’. Esta escolha, segundo o pai da psicanálise, se apresenta, sobretudo, “em pessoas cujo desenvolvimento libidinal sofreu perturbação, como pervertidos e homossexuais” pois estes “não escolhem seu posterior objeto de amor segundo o modelo da mãe, mas conforme o de sua própria pessoa” (Freud, 2010, p.32). Este último tipo de escolha, portanto, denota que estas pessoas “buscam a si mesmas como objeto de amor, evidenciando o tipo de escolha de objeto que chamamos de narcísico” (Idem, *Ibidem*). Segundo Freud (2010, p.32) não há uma classificação bem diferenciada entre estes dois tipos de escolha amorosa, posto que “para cada pessoa ficam abertos ambos os caminhos de escolha de objeto, sendo que um ou outro pode ter a preferência” (Freud, 2010, p.33).

Ainda na segunda parte de **Introdução ao Narcisismo** (1914), Freud explicita que na atitude cuidadora e terna dos pais, diante de um bebê, acontece uma “reprodução do seu próprio narcisismo há muito abandonado” (Freud, 2010, p.36). Este narcisismo é revivido pelos pais, pois eles passam a atribuir àquela criança todas as perfeições e desejos que não foram capazes de realizar, jogando sobre o infante todas as expectativas e sonhos que não concretizaram. Desta forma, o bebê será visto como ‘*His Majesty the Baby*’, o depositário de todas as idealizações dos pais em vista de uma realidade sonhada. Freud acrescenta que, diante deste bebê, toca-se na “imortalidade do Eu, tão duramente acossada pela realidade” (Freud, 2010, p.37) e pondera ainda que “o amor dos pais, comovente e no fundo tão infantil, não é outra coisa senão o narcisismo dos pais renascido, que na sua transformação em amor objetal revela inconfundivelmente a sua natureza de outrora” (Freud, 2010, p.37).

Na terceira parte da **Introdução ao Narcisismo** (1914), Freud aponta a relação entre narcisismo e Eu ideal, pertinente para as reflexões sobre a temática deste trabalho. Freud faz uma distinção entre a repressão e a sublimação, destacando que “a formação de ideal aumenta as exigências do Eu e é o que mais favorece a repressão; a sublimação representa a saída para cumprir a exigência sem ocasionar a repressão” (Freud, 2010, p.41). Segundo ele, “o narcisismo aparece deslocado para esse novo Eu ideal, que como o infantil se acha de posse de toda preciosa perfeição”, e acrescenta que o indivíduo “não quer se privar da perfeição narcísica de sua infância, (...) e procura readquiri-la na forma nova do ideal do Eu” (Freud, 2010, p.40). Sendo assim, o pai da psicanálise, enfatiza ainda que o ideal projetado na vida adulta é apenas um substituto daquele narcisismo infantil, no qual o sujeito “era seu próprio ideal” (Idem, *Ibidem*).

Neste contexto, “ser amado representa o objetivo e a satisfação na escolha narcísica de objeto” (Freud, 2010, p.40), pois o investimento libidinal em outro objeto ocasiona um rebaixamento no sentido da dependência o outro. Neste sentido, Freud explica que “alguém que ama perdeu, por assim dizer, uma parte de seu narcisismo, e apenas sendo amado pode reavê-la” (Freud, 2010, p.46). Há uma distinção entre libido do eu e libido do objeto, pois no narcisismo, acontece “um estado primordial em que libido de objeto e libido do Eu não se distinguem uma da outra” (Freud, 2010, p.48), posto que o próprio sujeito torna-se seu objeto de amor, amor a si mesmo acima de tudo. O estado do narcisismo acontece antes da formação do Eu do sujeito, e “o desenvolvimento do Eu consiste num distanciamento do narcisismo primário e gera um intenso esforço para reconquistá-lo. Tal distanciamento ocorre através do deslocamento da libido para um ideal do Eu imposto de fora” (Freud, 2010, p.48). Sobre esta temática, Freud (2010, p.48) explicita que existe uma parte de amor próprio oriunda ainda do narcisismo, outra parte virá do ideal do Eu e seu cumprimento na realidade, e outra parte se dará a partir da satisfação da libido. Se no apaixonamento acontece um “transbordar da libido do Eu para o objeto”, pode ser que aconteça um vínculo com o ideal do Eu, no sentido de “escolher um ideal sexual conforme o tipo narcísico, que possua os méritos para ele inatingíveis” (Freud, 2010, p.49). Esta seria a cura pelo amor, a identificação narcísica com o outro idealizado, sendo para isto necessário o investimento de grande carga libidinal. Contudo,

conforme destaca Freud, esta saída poderá produzir “uma dependência de tal salvador” que compõem certos riscos e perigos ao sujeito (Freud, 2010, p.50).

Em **Luto e melancolia** (1917), Freud faz alguns apontamentos interessantes para se pensar como se processa o narcisismo na vida do sujeito melancólico, especificamente os processos de investimento/desinvestimento libidinal. Ele assim se expressa: “(...) não hesitaríamos em incluir em nossa caracterização da melancolia a regressão do investimento de objeto à fase oral da libido, que ainda pertence ao narcisismo” (Freud, 2024, p.108); e logo adiante realça no seu texto que “a melancolia toma emprestada uma parte de suas características do luto e outra parte do processo de regressão, da escolha narcísica de objeto até o narcisismo” (Freud, 2024, p.108-109). Mais adiante neste texto, Freud explicita que diante de um “amor tão grande do Eu por si mesmo” não se faz muito compreensível como o sujeito melancólico “diante de um montante gigantesco de libido narcísica” pode chegar e “consentir em sua própria destruição” (Freud, 2024, p.110). Contudo, o melancólico carrega uma ferida, no sentido de que “a sombra do objeto caiu sobre o Eu, que agora pôde ser julgado por uma instância especial, como um objeto, como um objeto abandonado” (Freud, 2024, p.105). Aparece, portanto, neste contexto, a ideia de um “esmaecimento do Eu ideal” (Boa Morte; Barros, 2023, p.49), posto que a idealização é minimizada diante do desenrolar da melancolia.

Avançando em sua teorização acerca do narcisismo, em **Psicologia das massas e análise do Eu** (1921), Freud explica sobre o Ideal do Eu e que “lhe atribuímos como funções a auto-observação, a consciência moral, a censura onírica e a influência principal do recalque. Dizíamos ser ela a herdeira do narcisismo originário, no qual o Eu infantil se bastava a si mesmo” (Freud, 2021, p.184). Nicéas (2021, p.82) explicita que “a voz dos pais, a dos educadores e tantos outros podem ter marcado a vida de uma criança, até mesmo a voz da chamada opinião pública, tudo isso, contribui para a formação do ideal do eu de um sujeito”. E acrescenta que “quando o sujeito troca o seu narcisismo por um elevado ideal do eu, isso não quer dizer que ele tenha sublimado suas pulsões libidinais” (Nicéas, 2021, p.83). Sendo assim, no campo da neurose, poderá ocorrer uma articulação entre formação de ideal e sublimação, estabelecendo relações diferentes, pois a sublimação age em consonância com o recalque (Idem, Ibidem).

Boa Morte e Barros (2023, p.49) destacam que a relação entre o narcisismo e o recalque é que “fundamenta a noção do ideal nas considerações freudianas”. E realçam que “O ideal do Eu erigido pelos sujeitos garante o recalque, uma vez que o destino no narcisismo primário é a formação de ideais que servirão como régua para medir o Eu” (Idem, Ibidem). Desta maneira, o Eu ideal está conectado ao narcisismo primário e o ideal do Eu está ligado ao recalque advindo da interdição da cultura, “ocupando o lugar de regulação do Eu real” (Idem, Ibidem), inserindo este sujeito e adaptando-o às vicissitudes da cultura e da imagem idealizada que faz de si mesmo.

A predominância da fantasia, poderá ser perpassada na contemporaneidade, como uma predominância da imagem, da exposição de si a uma idealização social, ou mesmo a exposição de um Ideal de si mesmo, tão distante da realidade vivida. Ainda em **Psicologia das massas e análise do Eu** (1921), Freud faz uma advertência que parece oportuna para esta reflexão: “Nós demonstramos que essa predominância da vida de fantasia e da ilusão trazida pelo desejo não realizado é determinante para a psicologia das neuroses” e acrescenta à sua reflexão que “para os neuróticos não vale a realidade objetiva comum, mas a realidade psíquica” (Freud, 2021, p.150). O pai da psicanálise enfatiza ainda que “a massa é extraordinariamente influenciável e crédula; é acrítica. Ela pensa por imagens que se evocam umas às outras associativamente, tal como elas se apresentam ao indivíduo durante os estados de livre fantasiar” (Freud, 2021, p.146). Diante destas reflexões, como poderemos pensar uma articulação entre narcisismo e redes sociais, a partir do desejo de exposição numa cultura que, sobretudo, privilegia a imagem e a superexposição do sujeito? Diante das transformações na cultura hodierna, algumas mudanças também influenciam na constituição do sujeito e em sua maneira de fazer laço nesta sociedade, “formando na contemporaneidade sujeitos presos a um estado narcísico de subjetivação, de onde se destaca o seu caráter imaginário, onde a alteridade se homogeniza” (Boa Morte; Barros, 2023, p.47)

No Livro **O Eu e o Id**, de 1923, a partir do estabelecimento da segunda tópica, “encontramos na noção de Supereu ecos de **Introdução ao Narcisismo**, onde o Ideal do Eu está relacionado à ‘instância psíquica especial’” (Boa Morte; Barros, 2023, p.49). Esta instância é aquela “que mede o Eu pela distância moral do seu ideal, ao mesmo tempo em que cobra a satisfação narcísica” (Idem, Ibidem). Está estabelecida, portanto, a base do conflito entre a idealização realizada pelo Eu e o

**CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 7, n. 13, p.710-734, jul./dez. 2025 – ISSN 2674-9483**

princípio de realidade<sup>4</sup>, perpassado pelo contexto cultural e suas castrações simbólicas. Ainda sobre o Ideal do Eu, Freud explicita em **O Eu e o Id** (1923), que “bem no início na primitiva fase oral do indivíduo, investimento objetal e identificação provavelmente não se distinguem um do outro” (Freud, 2010, p.37) e acrescenta que “a transformação da libido objetal em libido narcísica, que então ocorre, evidentemente acarreta um abandono das metas sexuais, uma dessexualização, ou seja, uma espécie de sublimação” (Freud, 2010, p.37).

Por fim, é oportuno abordar brevemente o que Jacques Lacan, psicanalista francês, pensou a partir de sua releitura de Freud, especialmente sobre o conceito de narcisismo. Nicéas (2021, p.91) realça que “Lacan particularizou a descrição de um momento crucial da existência de um sujeito, *infans* ainda em seu desenvolvimento, desdobrando a construção de uma argumentação que intitulou O estádio do espelho”. O fato de **Introdução ao Narcisismo** ter sido escrito nos tempos iniciais da Primeira Guerra Mundial, deixou passar despercebido a muitos, que Freud apontava para “um “antecedente necessário” na base de toda teoria do eu” (Nicéas, 2021, p.91). Lacan, portanto, se apresenta como aquele que resgata para o *corpus* da psicanálise este “antecedente freudiano necessário” à teoria do eu (Nicéas, 2021, p.92). Neste sentido, Lacan “devolvia ao primeiro plano do debate, na teoria psicanalítica, toda a problematização introduzida por Freud ao marcar com o selo do narcisismo a origem do eu” (Idem, *Ibidem*).

Conforme aponta Nicéas, Lacan, em **O estádio do espelho**, está interessado em pensar o “momento fundador da função do eu na Psicanálise” (Nicéas, 2021, p.93). Segundo o mesmo autor (2021, p.93), Lacan quis “reafirmar sua ideia sobre a gênese do eu freudiano: este se estabelece em razão de uma identificação precoce a uma forma, a forma humana, a imagem corporal do outro”. Sendo assim, destaca-se que “o Eu é antes de tudo um Eu corporal” (Idem, *Ibidem*), pois a criança reconhece uma forma no espelho, a forma humana que se lhe apresenta como imagem corporal. Roudinesco (1998, p.194) salienta que a expressão ‘estádio do espelho’ foi utilizada para se referir a uma etapa importante do desenvolvimento

---

<sup>4</sup> O princípio de realidade é “um dos dois princípios que, segundo Freud, regem o funcionamento mental. Forma par com o princípio de prazer, e modifica-o; na medida em que consegue impor-se como princípio regulador, a procura da satisfação já não se efetua pelos caminhos mais curtos, mas faz desvios e adia o seu resultado em função das condições impostas pelo mundo exterior.” (Laplanche; Pontalis, 1991, p.368).

psíquico, delimitado entre os seis e dezoito meses de vida, “durante o qual a criança antecipa o domínio sobre sua unidade corporal através de uma identificação com a imagem do semelhante e da percepção de sua própria imagem num espelho”. São utilizadas no Brasil, outras expressões para esta designação, a saber: “estágio do espelho” e “fase do espelho”.

Lacan (1998, p.100) destaca que “a função do estágio do espelho revela-se, por conseguinte, como um caso particular da função da *imago*, que é estabelecer uma relação do organismo com sua realidade (...)”. E acrescenta que “a imagem especular parece ser o limiar do mundo visível, a nos fiarmos na disposição especular apresentada na alucinação e no sonho pela *imago* do corpo próprio” (Lacan, 1998, p.98). Boa Morte e Barros (2023, p.50) enfatizam que a “identificação com aquela imagem possibilita que a criança circunscreva o Eu que, nesse momento, pode ser compreendido como uma *gestalt*, uma forma que se diferencia” e que sob o olhar dos pais “culminará na formação do Eu ideal” (Idem, *Ibidem*). E, posteriormente, o narcisismo secundário acontecerá quando “o bebê percebe o seu reflexo como uma unidade de imagem forjada no narcisismo primário, que será investida de pulsões, dando origem ao Ideal do Eu e que culminará nos ideais culturais” (Idem, *Ibidem*).

Nicéas (2021, p.95) aponta que o “eu freudiano teria propriamente o estatuto de uma projeção, projeção mental da superfície do corpo”. O narcisismo, portanto, neste contexto, está ligado à fundação do eu, no sentido de que o sujeito se dá como um objeto libidinal à pulsão. E o autor (2021, p.95) acrescenta que também Lacan em **O estágio do espelho**, tratou desta realidade, ou seja, “a concepção da instância psíquica do eu enquanto objeto libidinal, feita à imagem da forma do humano”. A imagem refletida no espelho causa na criança um estado de júbilo, no reconhecimento da projeção de seu corpo; entretanto existe ainda uma certa estranheza, pois esta se dá a partir de uma relação imaginária com o corpo ainda não totalmente formado, conforme sinaliza Nicéas (2021, p.97). Por fim, destaca-se que o narcisismo freudiano está relacionado a um “amor de si”, posto que a libido está voltada para o próprio eu, e em Lacan o narcisismo está relacionado à questão da imagem. Desta forma, Nicéas (2021, p.99) aponta que “nas fundações do narcisismo tece-se uma relação amorosa do sujeito com sua imagem”.

## 2 NARCISISMO NO ENTRELAÇE COM A CULTURA: PENSANDO OS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO

Nicéas (2021), em seu livro **Introdução ao Narcisismo: o amor de si**, aborda este tema em Freud e Lacan e nos instiga a pensá-lo como um fenômeno presente na sociedade hodierna, sendo este “uma etapa fundamental do processo de constituição do eu, que se situa entre o autoerotismo e o amor objetal, e observa que precisamos atravessar essa fase para que possamos estabelecer laços com os outros” (Nicéas, 2021, pp.15-16). Contudo, na contemporaneidade parece-nos que o sujeito está marcado pelo narcisismo como uma fase que perdura e o faz buscar sempre pela exposição e pela admiração, especialmente no tange à sua exposição nas redes sociais. Nicéas (2021, p.20) ainda pondera sobre um novo tipo de narcisismo, como um traço dominante na contemporaneidade, e que “ao se tornar provavelmente a estrutura psíquica dominante na atualidade, implica laços sociais limitados”. Algumas questões seriam pertinentes: como se pode pensar este fenômeno diante das redes sociais? E o que leva o sujeito na contemporaneidade ao desejo de se exhibir e mostrar sua imagem como um objeto a ser admirado?

A partir destas reflexões, deve-se pensar em que tipo de cultura o sujeito atual está inserido e como esta poderá impactar em sua subjetividade, levando-o a um certo tipo de exibicionismo nas redes sociais. Evidencia-se ainda que o conceito de narcisismo para estes autores, voltados para uma análise do social, possui matizes diferentes do narcisismo freudiano. A partir disso, torna-se oportuno um diálogo com autores das ciências sociais e da filosofia, a fim de se perceber na cultura hodierna os traços de um novo narcisismo. Se o narcisismo abordado por Freud aponta para uma interioridade do sujeito voltado para si mesmo, no sentido de um autoerotismo evidente, fazendo-se a si mesmo como objeto de amor; o narcisismo na cultura contemporânea, entretanto, aponta para um narcisismo a partir do autocentramento e da exterioridade, pois depende da validação do olhar e do desejo do outro, no sentido de ser desejado e admirado pelo outro.

O narcisismo aflora na contemporaneidade devido a esta cultura estar perpassada pelo individualismo levado ao extremo, gerando um mal-estar que entremeia as relações. Segundo Birman (2014, p.55), “o mal-estar é signo privilegiado e a caixa de ressonância daquilo que se configura nas relações do

**CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 7, n. 13, p.710-734, jul./dez. 2025 – ISSN 2674-9483**

sujeito consigo mesmo e como o outro”. Este mal-estar toca as relações humanas na contemporaneidade a partir de um hiper-individualismo ou “[...] autocentramento do sujeito no eu que assume formas inéditas, sem dúvidas, se considerarmos a tradição ocidental do individualismo iniciada no século XVII” (Birman, 2016, p.24). Destaca-se que a primeira forma de individualismo era voltada para uma interioridade do sujeito e a segunda forma, na contemporaneidade, é voltada para a exterioridade, possibilitando a exposição de si por meio de imagens e demonstrando, ao mesmo tempo, a fragilidade das relações sociais. Birman (2016, p.24) enfatiza que “a subjetividade assume uma configuração decididamente estetizante, em que o olhar do outro no campo social e midiático passa a ocupar uma posição estratégica em sua economia psíquica”. Neste contexto da exposição do sujeito, o desejo assume um contorno “marcadamente exibicionista e autocentrado, na qual o horizonte intersubjetivo se encontra esvaziado e desinvestido das trocas inter-humanas”. Portanto, o que se verifica é uma superexposição exibicionista do sujeito por meio de imagens e, ao mesmo tempo, um empobrecimento do campo de suas relações interpessoais, pois ele deseja somente ser admirado. Birman (2016) aponta dois traços importantes deste sujeito, a saber: a exterioridade e o autocentramento e indica as formulações propostas por Lasch – em **A cultura do Narcisismo** (2023) – e por Debord – em **A sociedade do espetáculo** (1997) – como norteadoras de uma possível leitura da contemporaneidade, o que instiga a pensar o perfil de um novo narcisismo. E o livro **A nova razão do mundo** (2017) – ensaio sobre a sociedade neoliberal, dos autores Pierre Dardot e Christian Laval, delimita o neoliberalismo como um novo tipo de racionalidade que governa a contemporaneidade com suas características próprias, como veremos adiante.

Guy Debord (1997, p.13), escritor marxista francês, em seu livro **Sociedade do Espetáculo**, menciona que a vida das sociedades atuais, “[...] nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos” e ainda que “[...] as imagens que se destacaram de cada aspecto da vida fundem-se num fluxo comum, no qual a unidade dessa mesma vida já não pode ser restabelecida”. Segundo Debord, a imagem apresenta uma parcialidade da vida, deslocada do seu contexto total, porém é sempre intencional, “[...] e o espetáculo em geral, é como uma inversão concreta da vida, é o movimento autônomo do não vivo”

(Idem, Ibidem). Para Debord (1997, p.16), as relações são mediadas pela imagem e isto se concretiza desta forma, pois o “espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda vida humana – isto é, social – como simples aparência”. E ressalta que esta sociedade do espetáculo deve ser vista a partir de outro ponto, posto que “crítica que atinge a verdade do espetáculo o descobre como a negação visível da vida; como negação da vida que se tornou visível” (Idem, Ibidem). Desta forma, reforça-se a ideia de que a imagem suplantara o real, ou seja, o imaginário adquire um grande valor em detrimento do real. Por fim, ele demonstra que “o espetáculo domina os homens vivos quando a economia já os dominou totalmente. Ele nada mais é que a economia se desenvolvendo por si mesma” (Debord, 1997, p.18) a partir da manipulação das imagens, das mentes e dos processos de subjetivação.

Diante deste fato, o autor afirma “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada pelas imagens” (Debord, 1997, p.14). Tais imagens serão veiculadas e publicadas segundo a intencionalidade de cada sujeito e aquilo que este deseja quer transmitir ou manipular a respeito de sua própria imagem. A imagem postada nas redes sociais apresenta uma intencionalidade, muitas vezes carregada pelo desejo narcísico de ser admirado, demonstrar sua grandeza diante do outro e, ao mesmo tempo, ser confirmado e validado pelos *likes* e curtidas nas redes sociais.

Debord (1997, p.28) aponta que no mercado neoliberal, acontece um ‘fetichismo da mercadoria’ como um modo de dominação social e que “o mundo sensível é substituído por uma seleção de imagens que existe acima dele, e que ao mesmo tempo se fez reconhecer como o sensível por excelência” (Idem, Ibidem). Pautando suas relações pela imagem, preconizado pelo capitalismo neoliberal, este sujeito caminha para um processo de alienação, tal qual afirma Debord (2017, p.24) “o espetáculo na sociedade corresponde a uma fabricação concreta da alienação”. Neste sentido, a vida deste sujeito se torna um produto, ele se separa da vida concreta, para viver a partir da imagem (Debord, 2017, p.25). E por fim, “o espetáculo é o capital em tal grau de acumulação que se tornou imagem” (Idem, Ibidem), sendo todas as relações sociais pautadas neste fato.

Primo (2023, p.55), ao comentar sobre a ‘Sociedade do espetáculo’, sinaliza que há um jogo midiático que faz o sujeito se identificar nas “imagens dominantes da **CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 7, n. 13, p.710-734, jul./dez. 2025 – ISSN 2674-9483**

necessidade” e, a partir disto, ele se afasta e deixa de compreender sua ‘própria existência e seu desejo’. O autor (2023, p.55) ressalta ainda que “a imagem especular torna-se uma armadilha aos próprios consumidores, que em troca da satisfação de suas necessidades, não se dá conta da alienação do seu desejo”. Segundo Primo (2023, p.55), neste contexto neoliberal, o “indivíduo é uma realidade ilusória”, posto que sua “‘pseudo-individualidade’ é apenas tolerada pelo sistema”, ou seja, o que prevalece acima da pessoalidade é o encaixe deste sujeito no sistema que preconiza um modo de ser, estar no mundo e consumir.

Em **A nova razão do mundo** (2017) – ensaio sobre a sociedade neoliberal, os autores Pierre Dardot e Christian Laval destacam que, na configuração da sociedade neoliberal, as relações são perpassadas por uma lógica empresarial, na qual o próprio sujeito é instigado a gerir sua vida dentro da lógica da produtividade. Segundo eles, “o homem neoliberal é o homem competitivo, inteiramente imerso na competição mundial” (Dardot; Laval, 2017, p.135). Eles descrevem que “[...] a nova normatividade das sociedades capitalistas se impôs por uma normatização subjetiva de um tipo particular [...]”, atingindo o sujeito em sua capacidade desejante, na qual não acontecerá mais o adestramento dos corpos, mas uma gestão das mentes. Segundo Dardot e Laval, o neoliberalismo é uma nova espécie de racionalidade que fundamenta a sociedade moderna e que dá as bases para sua regulação; e explicitam que “o neoliberalismo, antes de ser uma ideologia ou uma política econômica, é em primeiro lugar e fundamentalmente uma racionalidade e, como tal, tende a estruturar e organizar não apenas a ação dos governantes, mas até a própria conduta dos governados”. Os autores acrescentam que “o neoliberalismo pode ser definido como o conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência” (Idem, Ibidem), e este é assumido amplamente pela sociedade contemporânea, influenciando inclusive nos processos de subjetivação.

Desta forma, a cultura presente na empresa, o dispositivo de produção e eficácia, passariam a modelar e projetar uma nova subjetividade que desponta na sociedade capitalista neoliberal, um sujeito instigado a investir em si mesmo como um objeto a ser manipulado e vendido. Isto ocorreu por meio de um processo de superestimação da ideologia da realização pessoal (Dardot; Laval, 2017, p.136), como um novo espírito do capitalismo que pretende capturar o desejo do sujeito. O

que aconteceu foi, portanto, uma racionalização do desejo, a fim de que cada sujeito se torne empresário de si mesmo, gerenciando sua vida como um processo de contínua produção. Segundo os autores, “[...] trata-se do indivíduo competente e competitivo, que procura maximizar seu capital humano em todos os campos” (Dardot; Laval, 2017, p.137), e esta mentalidade perpassará todas as suas relações, inclusive a relação com as redes sociais, palco de exposição de si mesmo como um produto a ser visto e desejado pelos olhares consumidores. Isto fica bem claro, diante dos influenciadores digitais, que buscam criar uma imagem de si e de seu estilo de vida, a fim de gerar um conteúdo que seja vendável e desperte o desejo de imitação ou aquisição, como se verá adiante.

Em seu livro **A Cultura do Narcisismo** – a vida americana em uma era de expectativas decrescentes, o historiador e crítico social Christopher Lasch (2023), tendo em consideração a sociedade americana dos anos 1970, se propõe a traçar o perfil desta sociedade em crise, e menciona um tipo de narcisismo como uma metáfora importante para entender a condição humana naquele contexto. Lasch (2023, p.103) afirma que “[...] toda época desenvolve suas próprias formas peculiares de patologia, que expressam de forma exagerada sua estrutura de personalidade subjacente [...]” (Idem, Ibidem) e ainda que “[...] o narcisismo parece representar como realismo a melhor forma de lidar com a tensões e ansiedades da vida moderna e, portanto, as condições sociais predominantes tendem a despertar os traços narcísicos que estão presentes, em grau variável, em todos nós” (Lasch, 2023, p.115).

Lasch (2023, p.116) demonstra que estes traços narcísicos presentes na sociedade também moldam a estrutura da família que, por sua vez, modulará a estrutura psíquica do sujeito, visando sempre um direito de autorrealização. O autor (2023, p.116) destaca que “a combinação de desprendimento emocional com tentativas de convencer os filhos de seu papel privilegiado dentro da família é uma boa receita para estruturas narcísicas de personalidade”. Primo (2023, p.58), explicita que Lasch, ao falar da ‘cultura do narcisismo’, o faz a partir da sociedade norte-americana de sua época, perpassada por transformações a partir de um modelo de vida que preconiza “a proliferação de imagens”, “o culto ao consumo”, e “as modificações da vida familiar e os modos de socialização”.

Primo (2023, p.56) considera que os meios de comunicação, a propaganda, a valorização dos bens de consumo e a preconização de uma boa vida, fizeram naquele contexto, uma geração de 'admiradores fanáticos'. Lasch (2023, p.49) admite que este clima de superação a qualquer custo, criou um modo insuportável de lidar com o fracasso e a privação, posto que este sujeito estaria programado não para a consideração de sua finitude e limites, mas para se tornar célebre. Lasch (2023, p.49) considera que o "novo narcisista é assombrado não pela culpa, mas pela ansiedade. Ele não busca inculcar suas próprias certezas nos outros, mas encontrar sentido na vida". Se não há um modelo a ser seguido e que amalgama sua identidade, no novo narcisismo "liberto das superstições do passado, duvida até mesmo da realidade de sua própria existência" (Lasch, 2023, p.49). Desta forma, o que se põe diante do sujeito narcisista é a própria questão de sua existência, uma busca por uma forma de existir e ser-no-mundo.

Neste contexto, há, portanto, uma ideologia do crescimento pessoal a qualquer custo, que é passada às gerações seguintes, como um direito de autorrealização e não admissão do fracasso pessoal. Entretanto, o autor sinaliza que há um "[...] enfraquecimento de laços sociais, cuja origem está no estado predominante de belicosidade social, que reflete, por sua vez, uma defesa narcísica contra a dependência" (Lasch, 2023, p.116). Se, por um lado, o sujeito está voltado para sua autorrealização, esta se concretiza mais como um autocentramento, em detrimento do cultivo das relações sociais, vistas sob o ponto de vista do perigo e ameaça. Outro fato importante apontado por Lasch (2023, p.50) é que o narcisista "não tem interesse no futuro, em parte porque se interessa pouco pelo passado" e isto demonstra claramente "não só a pobreza das ideologias predominantes, que perderam o contato com a realidade e abandonaram a tentativa de dominá-la, mas também a pobreza da vida interior do narcisista" (Idem, Ibidem). Diante da desconsideração do passado e do desinteresse pelo futuro, o narcisista está situado somente no presente, naquilo que reforça o eu-mesmo e seus processos de gratificação. O historiador (2023, p.62), demonstra que "a despeito de suas ilusões esporádicas de onipotência, o narcisista depende de outros para validar sua autoestima. Ele não consegue viver sem uma plateia de admiradores". Se, por um lado, há um contexto de grande liberdade para este sujeito, liberdade em relação às regras sociais e familiares, contudo, ele fica preso ao gozo de sua individualidade. O **CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 7, n. 13, p.710-734, jul./dez. 2025 – ISSN 2674-9483**

autor aponta que, apesar desta liberdade, existe “a insegurança que o narcisista só consegue superar ao ver seu ‘self grandioso’ refletido na atenção dos outros ou se associando a pessoas dotadas de celebridade, poder e carisma” (Idem, *Ibidem*). E conclui que “para o narcisista, o mundo é um espelho” (Idem, *Ibidem*), pois o que está em jogo é a aprovação de sua imagem pelo outro, a fim de que este sujeito não experimente o vazio existencial.

### **3- NARCISISMO E REDES SOCIAIS: A IMAGEM NO ESPELHO DA CULTURA**

O sujeito, na contemporaneidade, está marcado pela exigência da performance, pois é perpassado pelo dispositivo da eficácia e da produção, produzindo objetos e produzindo a si mesmo como sujeito imerso nesta cultura. Cardoso (2015, p.73) sinaliza que, neste contexto, os sofrimentos psíquicos são “marcados pela exterioridade, o que acarreta impactos importantes para o dispositivo analítico”. Freud, ao se debruçar sobre o tema da neurose, percebeu nos pacientes, uma lógica inconsciente e suas implicações na realidade. Cardoso (2015, p.73) destaca que “sob uma moral sexual rígida e a obrigação de impedir a força destrutiva de todo ser humano de se manifestar, emerge o sofrimento psíquico do homem moderno, ao reivindicar o livre exercício da sexualidade e da agressividade”.

Contudo, na contemporaneidade cessaram aquelas referências do homem moderno, pois este é posto diante do exercício contínuo de sua liberdade e consequentes escolhas, especialmente no que se refere à questão sexual. Se “a subjetividade da atualidade é marcada pela ausência de referências, o que obriga os sujeitos a construírem as suas próprias, pelo achatamento do mundo introspectivo e pela valorização da performance” (Cardoso, 2015, p.73), há de se considerar uma diminuição das patologias relacionados à neurose clássica e o surgimento de novas patologias relacionadas a um quadro narcísico-identitário, caracterizado pela diminuição da simbolização (Idem, *Ibidem*).

Alguns autores como Birman (2016); Dias, Barbosa e Silva (2023); Primo e Castro (2023) demonstram que os quadros psicopatológicos presentes na contemporaneidade são devedores das mudanças histórico-culturais que ocorreram durante o século XX, especialmente o capitalismo neoliberal, a cultura do narcisismo, a sociedade do espetáculo, o ser humano visto como produto do

**CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 7, n. 13, p.710-734, jul./dez. 2025 – ISSN 2674-9483**

mercado, que moldaram uma nova forma de subjetividade hodierna. O que se verifica é um perfil social marcado pela performance e pela estetização do ser humano. Dias, Barbosa e Silva (2023, p.06) destacam que “o que se verifica com isso é um deslocamento do ter para o parecer. Ou seja, não importa mais o que se é ou o que se tem, mas o que a imagem diz que parece ser”. Debord (1997) já apontava que as relações sociais eram construídas sob o signo da imagem, mediadas pela imagem que o sujeito produzia de si, o que se verifica, ainda hoje, com mais intensidade a partir das redes sociais. Sendo assim, “cabe ressaltar a importância da mídia para a realização espetacular das existências. Sem o aparato midiático, o espetáculo perde o brilho, o poder de apreensão do olhar do outro” (Dias, Barbosa, Silva, 2023, p.06).

Sob a égide do capitalismo neoliberal, o ser humano é incitado a consumir constantemente e, ao mesmo tempo, ele se faz produto neste mercado devorador. A questão da imagem aparecerá ligada à performance e ao consumo voraz, reforçando a tendência a uma cultura narcísica, centrada no eu performático que se mostra nas imagens. Porém, “essas imagens difundidas na contemporaneidade não são capazes de construir a teia fantasmática por meio de adjetivos, metáforas e hipérboles. Elas estão, antes de tudo, referidas ao concreto da imagem” (Dias, Barbosa, Silva, 2023, p.06). A imagem exposta nas redes sociais precisa ser desejável, e “essa estetização da existência e o imprescindível engrandecimento do ego remetem ao narcisismo que os indivíduos devem cultivar para ter destaque na sociedade”. (Idem, Ibidem). Neste contexto de exibição da imagem, aparece uma dependência do olhar do outro para reforçar ou exaltar o ‘eu’, ocorrendo um declínio da dimensão interpessoal em vista de uma relação mediada por imagens.

Melo, Sacchq e Reis (2019, p.12) realçam que “o cenário atual remete a uma estetização da existência e publicização do sujeito, sendo que esta cultura imagética, favorável ao investimento libidinal na sedução, fascínio e exibição, é a responsável pelo adoecimento dos sujeitos”. Este modo de existência na contemporaneidade carrega, portanto, a marca da performance, no sentido de uma estetização da imagem e, ao mesmo tempo, uma publicização desta nas redes sociais, sob a aprovação dos olhares dos outros. Desta maneira, “o sujeito vai então se situando a partir do olhar do outro, encontrando com os *likes* uma satisfação

narcísica, projetando através de imagens um ideal de como deseja ser, construindo uma máscara para a exterioridade” (Idem, *Ibidem*).

No espelho da contemporaneidade, a imagem divulgada e aprovada pelo olhar do outro, carrega o *status* midiático do sucesso e da viralização nas redes sociais. O culto ao corpo performático carrega a marca da exterioridade deste sujeito imerso na cultura narcísica do espelho social. Ao mesmo tempo que a cultura influencia a produção deste tipo de subjetividade, ela tende a reforçá-la ainda mais sob o influxo das redes sociais, com seus *likes*, curtidas e compartilhamentos. Neste contexto, “as formações imaginárias organizam-se em torno do eu narcísico, sendo que a partir desse aspecto o existir por via da imagem se faz de forma que qualquer tipo de exclusão se torna insuportável” (Melo, Sacchq, Reis (2019, p.12). Este sujeito, diante do espelho da cultura contemporânea, deseja ser aprovado pelos olhares dos outros, ser adorado e não contestado em sua fragilidade egóica. O culto à beleza e à celebridade marcam a sociedade hodierna e deslocam o sujeito nesta busca incessante do lugar de destaque, a fim de que seja admirado e adorado por todos os olhares, validando sua existência e imagem.

A divulgação de conteúdos que viralizam nas redes sociais “são o termômetro da popularidade do sujeito neste panorama de relações, sendo quesitos influenciadores no processo de construção do perfil desse usuário” (Rodrigues, Silveira, Correa, 2020, p.141); caracterizando-se pela exposição de diversas imagens que mostram uma parcela da vida deste sujeito. Neste contexto, “a exposição da vida cotidiana na rede social passa a ser uma forma de colocação do sujeito no mundo, no entanto, numa versão editada e ao gosto do editor, de modo a mostrar-se atraente aos olhos dos outros” (Idem, *Ibidem*). Esta forma de exposição nas redes sociais aponta para a maneira como o narcisismo se configura, “procurando alcançar uma perfeição que outrora vivera, perfeição esta que ele tenta recuperar tendo referência o que Freud denomina de narcisismo primário” (Idem, *Ibidem*). Mais uma vez, a ideia da exposição e da admiração da celebridade, aparecem atreladas à cultura no narcisismo que configura este sujeito e seu processo de subjetivação.

Rodrigues, Silveira e Correa (2020, p.144), ao mencionarem que o sujeito nas redes sociais se confunde à celebridade, refletem que o que se deseja realmente é ser notado pelos outros, um lugar de destaque que se “refere ao desejo inconsciente

**CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 7, n. 13, p.710-734, jul./dez. 2025 – ISSN 2674-9483**

do sujeito em retornar ao período em que ele era a fonte de todas as atenções, ‘a majestade, o bebê’” (Idem, Ibidem) e apontam que, mesmo isto nunca será alcançado “mas que é sempre almejado, colocando o sujeito num movimento de abertura e de interesse pela autenticação desse Outro” (Idem, Ibidem). Entretanto, diante desta superexposição e compartilhamento de imagens e informações, este sujeito, no exercício de sua liberdade, se expõe ao excesso, mostrando sua intimidade e sua vida, “tornando a rede social um espaço de vigilância e controle deste sujeito que, ao que parece, na luta pelo enobrecimento de sua imagem tem se tornado sujeito de seu assujeitamento”. (Rodrigues, Silveira, Correa (2020, p.145).

O que se vê, portanto, é um narciso ferido que busca a si mesmo navegando numa cultura da imagem. Neste cenário da contemporaneidade, entrelaçado aos aspectos já apontados do espetáculo, neoliberalismo e exposição nas redes sociais, o sujeito se vê diante de um processo de subjetivação, no qual predominam o desamparo e o narcisismo. Barbosa, Campos e Neme (2021, p.01) destacam que “as temáticas do desamparo e do narcisismo têm sido recorrentes no campo de estudos da psicanálise, sendo apresentadas em conexão com as experiências de pânico, depressão, violência, transtornos de imagem corporal”, e estas, por sua vez, são “expressões do sentimento de que, cada vez mais, o sujeito está lançado em situações e afetos que ele não consegue simbolizar e tampouco antecipar” (Idem, Ibidem).

Outro componente da contemporaneidade é o fato da dizimação das relações de alteridade ou relações interpessoais, sendo estas agora perpassada pelo instrumental das redes sociais, sendo o outro visto como um instrumento. Barbosa, Campos e Neme (2021, p.02) destacam que o outro é visto “como um objeto a ser usado em prol do engrandecimento e da exaltação da própria imagem e que, tão logo não seja mais útil nessa função, pode facilmente ser descartado e substituído”. Sendo assim, podem ser caracterizadas como relações narcísicas, pois há um predomínio do indivíduo autocentrado, que busca ser admirado pelo olhar do outro e busca reforçar sua imagem e performance (Idem, Ibidem). Os mesmos autores (2021, p.02) demonstram que o indivíduo contemporâneo está inserido em uma ‘cultura somática’ de uma supervalorização do corpo, “de modo que até mesmo o prazer e o ideal de felicidade estão circunscritos ao corpo e àquilo que ele pode proporcionar, seja por meio da satisfação sensorial, seja pelo interesse e curiosidade

**CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 7, n. 13, p.710-734, jul./dez. 2025 – ISSN 2674-9483**

que manifesta nos outros”. O que se verifica, entretanto, neste contexto de uma ‘cultura somática’, é a caracterização de relações muito ambíguas, pois o outro é necessário para validar meu lugar narcísico de admiração e, ao mesmo tempo, o outro “se apresenta como ameaça indesejável, por revelar não só quão distante do ideal este sujeito se encontra, mas também sua vulnerabilidade ao sustentar a própria identidade em uma imagem” (Idem, *Ibidem*).

Esta vulnerabilidade do sujeito aponta para sua condição de desamparo e finitude, sendo este perpassado por ambas de modo inequívoco. O desamparo é fundamental na constituição dos vínculos sociais, haja visto o bebê, mediante seu desamparo, que é cuidado pela função materna. Sendo assim, o desamparo é propiciador de laços sociais, por “se configurar como abertura ao outro, mas também pode ser sentido como ameaça, mobilizando processo defensivos, entre os quais se inclui o próprio narcisismo” (Barbosa, Campos e Neme, 2021, p.02). Vale ressaltar que, além do narcisismo primário que se refere ao estágio constitutivo do Eu, há um outro narcisismo, secundário, que se refere às relações objetais e possui grande importância na relação do sujeito com o mundo externo.

As relações interpessoais de cunho narcísico são marcadas por “um autocentramento exteriorizado, em que o outro comparece como objeto que suporta e confirma a fantasia identitária de uma pessoa” (Barbosa, Campos, Neme, 2021, p.02) e, ao mesmo tempo, acontece um movimento diferente, no sentido de que esta pessoa que vê sua identidade ameaçada, “traz a marca do desamparo em sua dimensão traumática, e não sem sua dimensão criativa” (Idem, *Ibidem*). O desamparo visto aqui não como abertura para alteridade, mas um fechamento em si mesmo, como autocentramento deste sujeito diante das solicitações do mundo. Esta fragilidade das relações sociais e dos vínculos estabelecidos aponta também para a fragilidade da constituição psíquica deste sujeito, ao trata o outro como coisa (objetificação) e, ao mesmo tempo, ser dependente do olhar deste outro, para se colocar num lugar de adoração e admiração. Vale pensar que “o narcisismo contemporâneo está muito longe de ser um gozo hedonista consigo mesmo. Ao contrário, seria resultado da dor de um indivíduo violentado o tempo todo pelos excessos e fragmentação das informações (...)” (Barbosa, Campos, Neme, 2021, p.06). Por assim ser, a insatisfação deste sujeito opera como um movimento circular do desejo, aprisionando este sujeito a um ideal inatingível, também presente na

**CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 7, n. 13, p.710-734, jul./dez. 2025 – ISSN 2674-9483**

cultura como descartável no ideal da beleza transitória e no ideal da fama momentânea nas redes sociais.

Primo e Castro (2023), ao pesquisarem sobre a cultura do narcisismo na contemporaneidade, usa o termo “virtualização de si” e aponta para um crescente mal-estar nesta sociedade hiperconectada. Os pesquisadores (2023, p.54) realçam que “os processos de virtualização de si não promoveram um distanciamento da cultura do narcisismo, mas, ao contrário, são frutos dessa mesma cultura e a aprofundaram”. Segundo os autores, o narcisismo predomina “no contexto de uma forma específica da sociedade de consumo” (Idem, Ibidem), moldada pelo modelo neoliberal que tende a configurar uma nova subjetividade do sujeito em constante produção, fazendo-se um mero objeto de consumo, entre tantos outros. Primo e Castro (2023, p.58) estabelecem relações entre a cultura predominante e o narcisismo, presentes no “medo intenso de envelhecer e de morrer, uma percepção diferente do tempo, a fascinação pela celebridade, o medo da competição, a deterioração das relações (...)”, que impactam o modo deste sujeito se constituir como ser no mundo.

Por fim, Primo e Castro (2023, p.59) destacam que a “virtualização da experiência de si” propiciou ao sujeito uma intensificação da relação consigo mesmo, pois as redes sociais, fizeram-no voltar a si mesmo no espectro da imagem a ser adorada pelo outro. No espelho da contemporaneidade, há uma intensificação do olhar do sujeito para si mesmo, há uma supervalorização da imagem e da performance a ela associada e, ao mesmo tempo, uma dependência do olhar do outro, como signo de um desamparo e uma fragilidade humana constitutiva.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao resgatar o conceito psicanalítico de narcisismo e sua possível relação com o uso das redes sociais na contemporaneidade, refletiu-se sobre uma cultura na qual predominam os traços de um novo narcisismo, cuja centralidade do sujeito chega a um hiperindividualismo, colocando em risco as relações interpessoais ou configurando um novo tipo de relações interpessoais, perpassada pelos aparelhos tecnológicos das redes sociais. Faz-se, portanto, muito oportuna uma reflexão sobre o contexto atual das redes sociais e seu impacto no dispositivo da clínica

**CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 7, n. 13, p.710-734, jul./dez. 2025 – ISSN 2674-9483**

psicanalítica, pois esta precisa considerar a cultura contemporânea e suas vicissitudes. E, a partir disto, pensar como a constituição desta subjetividade, perpassada pelo uso massivo das redes sociais, está sendo moldada nesta contemporaneidade; sobretudo pela valorização dos traços narcísicos presentes na cultura e pela configuração desta cultura hodierna tão diferente dos tempos freudianos, que demanda um repensar a psicanálise clássica.

Se na modernidade clássica, o que se verifica é o predomínio de sintomas psicopatológicos advindos de uma cultura permeada pela proibição, por uma constituição familiar garantidora da interdição cultural e do recalque, o que propicia a constituição de um conflito edípico e a formulação da neurose; o que se vê hoje é algo muito diverso. Na contemporaneidade, a neurose como um conflito entre o desejo pulsional e a interdição advinda da realidade, deixou de ser uma questão central, para ceder lugar a outros conflitos que assolam o sujeito hodierno. A constituição subjetiva do homem contemporâneo é perpassada pelo mal-estar relativo aos traços narcísicos presentes na cultura, pela supervalorização do eu ao extremo, chegando a um hiperindividualismo em detrimento das relações sociais e objetais. A supervalorização do eu coloca este sujeito frente a um vazio e impotência, que denotam sua fragilidade constitutiva na relação consigo mesmo e com o outro, pois mostram sua incapacidade de criar laços na cultura e simbolizar diante dos sofrimentos psíquicos que lhe atravessam. A libido deste sujeito estará excessivamente voltada para si mesmo, em um desejo contínuo de autocentramento, que lhe permitirá somente a valorização de sua imagem como em um espelho, a fim de que seja adorado por todos.

As redes sociais ilustram bem este processo de autocentramento e valorização da imagem, em uma cultura que atravessa o sujeito pelo excesso de informações, pela cobrança de produção e consumo e, ao mesmo tempo, pelo desempenho de uma performance que se coadune à imagem do sucesso acima de tudo. Diante deste quadro, embora haja um autocentramento e um investimento narcísico, o espelho da contemporaneidade parece estar quebrado para este sujeito, pois o excesso presente na cultura coloca-o diante do vazio e da falta que perpassa toda sua existência. O dispositivo psicanalítico e todo seu arcabouço teórico, portanto, devem estar abertos a pensar esta nova subjetividade que desponta a

partir da cultura no narcisismo, pois o que está em jogo é um novo modo de estabelecer o laço social e um novo modo de se fazer sujeito no mundo.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Caroline Garpelli; CAMPOS, Erico Bruno Viana; NEME, Carmen Maria Bueno. Narcisismo e desamparo: algumas considerações sobre as relações interpessoais na atualidade. **Revista Psicologia USP**, Bauru, v. 32, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/202572>. Acesso em: 20 mar. 2024.
- BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade**: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. 11 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- BIRMAN, Joel. **O sujeito na contemporaneidade**: espaço, dor e desalento na atualidade. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- BOA MORTE, Mateus da Silva; BARROS, Rogério de Andrade. A trilha de Narciso: narcisismo e mal-estar na contemporaneidade. **Cythère?**: o futuro da psicanálise, [s. l.], n. 6, ed. 6, p. 46-57, 2023. Disponível em: <https://fapol.org/cythere/wp-content/uploads/sites/3/2023/08/CYHERE-6-Da-Silva-Boa-Morte-de-Andrade-Barros-1.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2024.
- CARDOSO, Ana Carla da Silva Ferreira. **Narcisismo e contemporaneidade**: repercussões para o dispositivo analítico. Orientador: Regina Herzog. 2015. Tese de Mestrado (Mestrado em Teoria Psicanalítica) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://teopsic.psicologia.ufrj.br/wp-content/uploads/2021/06/Dissertacao-Ana-Carla1.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2024.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DIAS, Ana Carolina; BARBOSA, Leylyane Martins; DA SILVA, Marcos Pereira *et al.* Narcisismo e contemporaneidade: repensando a clínica psicológica. **Race Interdisciplinar**: Revista Científica Eletrônica, [s. l.], v. 1, p. 1-15, 2023. Disponível em: <https://unifasc.edu.br/wp-content/uploads/2023/05/13-NARCISISMO-E-CONTEMPORANEIDADE.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2024.
- FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo. *In*: FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos** (1914-1916). 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010c. p. 13-50.

FREUD, Sigmund. O Eu e o Id. *In*: FREUD, Sigmund. **O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos** (1923-1925). 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010c. p. 13-74.

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do Eu. *In*: FREUD, Sigmund. **Cultura, Sociedade, Religião. O mal-estar na cultura e outros escritos**. 1. ed. 2 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 137-232. (Obras Incompletas de Sigmund Freud).

FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia. *In*: FREUD, Sigmund. **Neurose, psicose, perversão**. 1. ed. 9 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2024. p. 99-121. (Obras Incompletas de Sigmund Freud).

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LASCH, Christopher. **A cultura do narcisismo**: a vida americana em uma era de expectativas decrescentes. São Paulo: Fósforo, 2023.

MELO, Mariane L. M.; SACCHQ, Sirlene S. C.; REIS, Fernando F.S. **Narcisismo e redes sociais: a constituição da subjetividade na era virtual**. Anápolis: UniEVANGÉLICA, 2019. Disponível em: <http://repositorio.aee.edu.br/handle/aee/1163#:~:text=A%20escolha%20do%20tema%20%E2%80%9CNarcisismo,por%20via%20das%20redes%20sociais>. Acesso em: 20 mar. 2024.

NICÉAS, Carlos Augusto. **Introdução ao Narcisismo**: o amor de si. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

PRIMO, Guilherme; CASTRO, Fabio Caprio Leite de. A cultura do narcisismo, a virtualização da experiência de si e o crescente mal-estar na sociedade hiperconectada. *In* **Digitalização da vida e produção de subjetividades**. Florianópolis: Abrapso Editora, 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/270728?show=full>. Acesso em: 30 mar. 2024.

RODRIGUES, Ana Paula Grillo; SILVEIRA, Luhilda Ribeiro; CORREA, Cássio Araújo. Internet, narcisismo e subjetividade: reflexões sobre a constituição do sujeito na/pela rede social. **Revista Psicanálise e Barroco em Revista**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, pp. 132-150, 2020. Disponível em: <https://seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/article/view/10337>. Acesso em: 20 mar. 2024.

ROUDINESCO, Elisabeth. PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.